Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 10 réis.

A Locomotiva

Publicações

Annuncios e communicados a 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

Anno 1.º | **Aveiro, Sabbado 7 de Julho de 1883** | **Numero 24**

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

EM LISBOA Gervasio Lobato, PORTO Luiz de Magalhães COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—**Peris Mencheta**

COLLABORADORES

Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. d'Araujo eSilva, A. Fuschini, Augusto Luso, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Camillo Castello Branco, Carlos Lobo d'Avilla, Conde de Sabugosa. Conde de Samodães, Eça de Queiroz, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, J. de Magalhães Lima, Jayme Séguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, Joaquim d'Araujo, Joaquim de Vasconcellos, J. Simões Dias,Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Luiz Guimarães, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Luciano Cordeiro, Macedo Papança, Manuel Bernardes Branco, M. Rodrigues Vieira, Maria Letizia de Rute (Princeza Ratazzi.), Marques Gomes, Mello Freitas, Mendes Leal. Monteiro Ramalho, Oliveira Martins, Gastão Mesnier, Ramalho Ortigão. R. A. Pequito, Rodrigues de Freitas, S. de Magalhães Lima, Soares Franco (dr.), Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Visconde de Benalcanfôr, Visconde d'Ouguella.

Summario

A festa da Liberdade, por A. F. d'Araujo e Silva.

Na inauguração da ponte Maria Pia, sobre o rio Douro, para o caminho de ferro, poesia por Augusto Luso.

Folhetim por Carlos Faria.

A approvação simpliciter do estudante José Ignacio Nobre Falcão, por X.

A Lucy, poesia por Pedro Gastão Mesnier.

Dialogo entre a thia Luiza Celleira e o João Grande, (continuação) por M. Bernardes Branco.

Deus, poesia por Eduardo Sebastião Reis d'Albuquerque.

Comboyo mixto por Carvão.

A FESTA DA LIBERDADE

Lá na leal cidade, d'onde teve
O igem (como é fama) o nome eterno
De Portugal...

(CAMÕES).

O Porto, esse berço das nossas liberdades patrias, essa cidade augusta, cuja historia resume um poema heroico de brilhantes feitos attestados por letras de bronze sobre o granito de suas muralhas, e por letras de fogo sacrosanto nos corações generosos de todos os seus filhos; o Porto que é sempre o primeiro nos grandes emprehendimentos de progresso e civilisação, que sabe conquistar por esforços heroicos e pelo trabalho incessante um digno nome no livro dos povos adiantados; o Porto, emfim, que a par de todos estes predicados sublimes sabe escrever um subido grau a caridade. fim da religião, alma das virtudes, compendio da fé e resumo da lei, não póde ser indifferente á passagem do dia 9 de julho!

Quem tanto soffreu e luctou em prol da liberdade algemada pelo mais feroz despotismo e pela mais sanguinaria tyrannia, não póde esquecer martyrios dos seus mais dilectos apostolos.

Se fizermos retrogradar o nosso espirito para o passado, é com horror que defrontamos com o quadro horrivel de assassinatos praticados nos mais fervorosos conquistadores da santa liberdade!

Em 9 de abril de 1829 uma [illegible]ada composta de creaturas humanas com instinctos de feras condemnava, em pleno seculo XIX, dez liberaes á morte por estrangulação na forca, devendo ser-lhes cortadas as cabeças e espetadas em altos postes no Porto, na Feira, em Aveiro e em Coimbra!

Foi a Praça Nova, hoje Praça de D. Pedro, o local escolhido para este calvario vergonhosissimo, para este morticinio barbaro, para esta deshonra de um paiz civilisado!

N'aquelle recinto abominavel onde actualmente se eleva grandiosa a estatua equestre do immortal D. Pedro IV, foram executados em 7 de maio de 1832, conforme as indicações da sentença hedionda, os seguintes dez martyres:

Antonio Bernardo de Brito e Cunha, cavalleiro professo das ordens de Christo e Conceição, casado, contador da Real Fazenda na cidade do Porto e natural d'alli, tendo 47 annos.

Bernardo Francisco Pinheiro, capitão de ordenanças da villa da Feira, natural das Ayras, casado, tendo 60 annos.

Clemente da Silva Mello Soares de Freitas, juiz de fóra da villa da Feira, natural d'Angeja, solteiro, com 26 annos.

Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima, cavalleiro professo da ordem de Christo, desembargador dos aggravos de Lisboa, residente em Aveiro, casado, com 53 annos.

Francisco Silverio de Carvalho Magalhães Serrão, fiscal do real contracto do tabaco, em Aveiro, natural de Figueiró dos Vinhos, solteiro, tendo 50 annos.

João Manuel da Fonseca Lobo, tenente coronel de caçadores 11, natural de Lagos, solteiro, tendo 55 annos.

José Antonio d'Oliveira Silva e Barros, 1.º guarda livros do real contracto do tabaco, no Porto, natural d'alli, casado, com 47 annos.

José Maria Martiniano da Fonseca, bacharel formado em leis, natural do Funchal e advogado, solteiro, com 33 annos.

Manuel Luiz Nogueira, advogado de numero da Relação do Porto, natural de Balthar, viuvo, tendo 54 annos.

Victorio Telles de Medeiros e Vasconcellos, tenente coronel do regimento de milicias da Louzã, natural de Ceira, casado, com 44 annos.

Sequiosos ainda de mais sangue os adeptos das trevas, os cynicos da alçada, enforcaram no mesmo local mais dois apostolos da liberdade, em 9 de outubro do mesmo anno:

Clemente de Moraes Sarmento, sargento de caçadores n.º 10. natural d'Aveiro.

João Henriques Ferreira da Silva Junior, filho familia, natural de Albergaria Velha.

No centro do cemiterio d'esta cidade de Aveiro elevam-se tres marmoreas columnas conjugadas que são o sustentaculo de uma urna funeraria onde estão abrigados os craneos do 3º, 4º, 5º, 9º, 11º, 12º martyres.

Devidos á penna de Mendes Leal estão esculpidos no plintho os seguintes versos:

Os ossos aqui teem, a alma no empyreo,
Seis illustres varões por quem fremente
A liberdade chora. Atroz delirio
N'elles puniu o esforço independente,
E heroes os fez com as palmas do martyrio:
Fique a sua lembrança eternamente
Nos nossos corações, na patria historia:
Paz aos seus restos, aos seus nomes gloria.

A maior parte d'estes heroes pertencem ao nosso districto que por tantas vezes illustrou com ouro as paginas da historia de Portugal.

Cae-nos a penna da mão e sentimos constranger-se-nos o peito quando tentamos relatar estes actos ferocissimos praticados por portuguezes degenerados!

Bem hajas, Pedro IV, pela heroica empresa que ousaste tentar quando a aura bafejada pelo amor da santa liberdade te fez aportar ás praias do Mindello n'esse tão famigerado dia 8 de julho de 1832!

Por entre esse punhado de 7:500 bravos, tu, valente defensor da soberania nacional, no vigor dos teus 34 annos d'idade esquecias os gosos da juventude, que como ninguem então podias usufruir, para empunhares a espada de guerreiro e offereceres o teu peito tão portuguez ás balas fratricidas que o fanatismo velhaco e torpe tão bem sabia envenenar!

Quando no dia 9 d'esse julho tu entravas triumphante e cheio de jubilo na cidade da virgem, algumas lagrimas, quaes perolas d'orvalho. deslisavam pelo teu rosto tisnado pelo sol e pelo mar.

Eram o resultado das commoções vivas que embalavam tua alma grandiosa no santo amor da patria opprimida.

A tua missão tinha tanto de sublime como a dos oppressores de baixeza.

Salve! ó rei soldado!

Se desde o dia 12 de outubro de 1798 em que nasceste até ao de 24 de setembro de 1834 em que exhalaste o ultimo suspiro nem sequer chegaste a attingir a idade de 36 annos, a tua passagem por este mundo d'illusões mentidas deixou tantos rastos luminosos, tantos beneficios á autonomia nacional, que te tornaste a incarnação viva dos sentimentos nobres de todos os filhos dignos da patria de Affonso Henriques!

A fama dos teus prodigios ecoou por toda a Europa sempre acompanhada do louvor merecido, porque a questão que defendias, além de nobre e civilisadora, era a questão da humanidade inteira!

Sentinella da liberdade que fundaste, doador do codigo que a defendia e benemerito d'esta formosa patria de Camões, pouco tempo sobreviveste á tua obra!

Que importava? A tua missão foi cumprida galhardamente. Poucos reis tem tido uma vida tão curta mas tambem nenhum se abalançou a uma empreza nas condições em que a projectaste. Se a tua existencia foi passageira, a tua historia é immorredoura, os teus louros immarcesciveis, o teu nome um padrão de gloria!

E tu, ó cidade invicta, que te ufanas por possuires o coração do heroe n'um sacrario do templo de Deus, commemora os dias em que desabrochou a esplendida liberdade á luz do formosissimo sol do progresso e aos bafejos fascinadores da civilisação.

Sobre as ossadas venerandas dos martyres da liberdade vamos todos jurar guerra d'exterminio, guerra de morte, a todos os abutres do ultramontanismo que nas sombras, corrompendo consciencias e assaltando a honra das familias. tentam ainda decepar a arvore da liberdade para implantarem o nefasto absolutismo!

Alerta liberaes!

A. F. D'ARAUJO E SILVA.

Na inauguração da ponte MARIA, PIA sobre o Rio Douro, para os caminhos de ferro

(4 de novembro de 1877)

Com passo de gigante enorme *mastodonte*
Póde o Douro abranger d'um monte a outro monte.
O pesado esqueleto ao tempo abandonou;
E a secca e dura ossada em arco alli deixou.
De carros uma serie acolle, e em cima passa,

Monstros que, emquanto o Porto a Lisboa se abraça,
Giram, uivam, e fogo em si respiram só,
Como esmagar, quereren, e reduzir a pó.
N'esse infernal attrito, um monumento nosso,
Que as aguas sobranceiro, é qual outro *Colosso*!

Da ousada empreza o nome irá, sem ter rival,
A's mais nações do mundo a par de Portugal.
Da grande intelligencia eis o fruto e lavores,
Apreguando immortais na terra os constructores.
Da sciencia, engenho humano, artes e mais saber,
Da liberdade o facho a luz nos vem trazer.

De *toupeiras*, embora, a negra sociedade
Minar intente a base á santa liberdade,
A ideia nunca morre; abre as azas no ar
Sobre os martyres seus, e deixa-se pairar.
E aos nomes seus ligando obras e monumentos,
A' geração futura emitte os pensamentos.
Hão-de as nações unir-se em uma só nação,
E ha de ser o progresso o seu livre pendão;
Todas familias sendo, amor tendo ao trabalho,
Amor á paz e á vida, á enxada, á penna e ao malho.

Rasga do mar o dórso o rapido vapor,
E ja rôta a montanha, é facil de transpôr.
D'um continente a outro eis a electrica linha.
O pensamento manda e a palavra caminha!
Arrancam-se da terra oleos, minerios, saes,
E lá no sól distante encontram-se metaes!
Por sobre os rios hoje a mór velocidade
Leva, arrasta, e reune a uma outra cidade.
O! Santa propensão de todos reunir!
Nos laços fraternaes eu vejo o teu porvir.

Obreiros do trabalho, o destino é chiméra;
Melhorai vossa sorte, o fado não impéra.
Elle já não persegue os filhos de Cahim,
Acabaram-se; e hoje olhais a um mesmo fim.
—A gozar do direito ás honras e ao talento,—
—Ao saber, á virtude, e ao livre pensamento.—

Amor é a igualdade, o Evangelho é a luz,
Luz, igualdade, e amor o Martyr foi da Cruz.

A. Luso.

A APPROVAÇÃO *SIMPLICITER*

DO ESTUDANTE

JOSÉ IGNACIO NOBRE FALCÃO

É com o mais profundo sentimento de desgosto e uma enorme repugnancia de nojo, que vamos occupar-nos d'este tristissimo assumpto; porque temos de referir uma vingança masquinha e desleal, exercida pelos lentes do terceiro anno de direito da Universidade de Coimbra, contra um optimo estudante e honesto rapaz, pelo unico motivo de ter sido um dos membros mais activos e mais independentemente trabalhadores da *Commissão Academica*, que com tanta coragem e hombridade luctou pela justissima causa Azevedo e Palma.

Posto que este facto, surpreza dolorosa para muita gente e exacta realisação de um vaticinio, que muitas vezes fizeramos, nos não viesse surprehender, indignou-nos todavia pelo indifferentismo com que as authoridades superiores universitarias e o senhor ministro do reino deixam praticar taes infamias sem tratarem de lhes pôr côbro, fazendo sahir do ensino quem, sem sciencia para n'elle ter entrado, não tem sequer ao menos dignidade para, pondo de parte os seus ressentimentos pessoaes, ser juiz recto e cavalheiroso.

Referimo-nos aos senhores doutores Antonio d'Assis Teixeira e José Frederico Laranjo.

Estes professores, preterindo toda a justiça, não duvidaram ainda ultimamente, depois de durante o acto inteiro terem escandalosamente manifestado a sua vontade contra o examinando, perante o illustre concurso de mais de duzentos estudantes e varias outras pessoas, approvar *simpliciter* quem pelo seu estudo, pela sua intelligencia e pelo seu saber, tinha direito a um *nemine discrepante*—José Ignacio Nobre Falcão—estudante tão distincto quanto independente, porque assim como teve a coragem de fallar em todas as assembleias geraes contra os dois lentes Assis e Laranjo, teve tambem a força de vontade bastante para estudar por dia mais de dez horas, dando sempre, posto que mal tratado por elles, magnificas licções.

Se o sr. Falcão tivesse seguido os nossos conselhos d'homem conhecedor das *justiças* universitarias e os désse por suspeitos—não teria decerto agora o enorme desgosto de um *R*; mas s. ex.ª, ainda muito ingenuo e confiado nos seus conhecimentos não quiz crêr que aquella sua proposta, na imponente assembleia geral de 7 d'abril no theatro Academico, de que fossem assignados os *protestos* contra o não comprimento do *Decreto de 22 de Fevereiro de 1883*, copiando-se os nomes do *Annuario*, e dando-se o prazo de quatro dias, para reclamar, a quem quizesse fazel-o, corrresponderia a um estenderete razo e geral em todas as aulas; não acreditou, como tambem lhe diziamos, que a sua ida a Lisboa com Eduardo Abreu, Alfredo Paçô, Zepherino Falcão, João Valente e João Pinto, equivalia a tres *não-vi*; não se lembra de que a explicação formal, que exigiu no hotel dos Caminhos de Ferro ao decano dr. Coelho, quando elle, na sua irresponsabilidade de velho tonto chamava *canalha* a todos os estudantes, obrigando-o a desdizer-se, era um *R* que o *dr. Assis* separava da sua grande collecção para desapprovar a collega mathematico; nem se persuadiu de que o indispôr-se e fallar sempre em desfavor do sr. Silva Cordeiro, era um forte motivo de offensa ao dr. Laranjo cujo era amigo intimo; e por isso agora ahi tem as consequencias da sua bôa fé em julgar toda a gente honrada e honesta. Que este engano lhe sirva ao menos de emenda, e que para o futuro não seja tão facil em acreditar em cavalheirismos; porque de resto, para a sua vida publica este *R* é em vez de uma nodoa na carreira litteraria, antes uma honrosa memoria do alevantado [illegible]er e honestissima conducta que sempre teve em Coimbra, e que lhe conquistaram geral sympathia e o respeito de todos os seus contemporanos, o que vale muito mais que as classificações universitarias, que são as mais das vezes ou compradas pelos paes, ou ganhas á força de capachismos e sabujices e bem poucas vezes dadas como premio ao verdadeiro talento.

Mas o que mais lamentamos em tudo isto, é que o senhor dr. Jardim, um homem que passa por honrado e digno, se deixasse dominar pelos seus dous collegas a ponto de consentir que com a sua adhesão se praticasse uma tão revoltante injustiça, que deshonra e que ennodôa o seu nome até hoje respeitado.

X.

A LUCY

Já rompia a manhã. As cotovias.
Levantavam-se ao alto, proclamando:
«Para honrar a mais bella ouvi o bando;
«Revesti, flores, vossas harmonias.»

Fui mais além, ouvi no monte as aves,
Em seu cantar dizendo: «a mais bella
«N'estes campos, a flor mais linda, é ella.»
E diziam seus cantos mais suaves.

O rouxinol cantava na alameda
«Formoza entre as formozas! Maravilha
«De graça e de bondade, e luz que brilha!»
Isto canta nas fayas da vereda.

Assim tudo ajuntava ao canto eterno
Da natureza mãe, a sua voz,
Como rios que vão á mesma foz,
E era esse seu conjuncto doce e terno.

Pedro Gastão Mesnier.

DIALOGO

ENTRE

A TIA LUIZA CELLEIRA E O JOÃO GRANDE

(CONTINUAÇÃO)

L. Celleira: Deixe-se estar, tio João, que lá por eu ter este modo de pensar, não se segue que o tio João tambem entre na conta. Você não é como o João Carteiro... Credo! Quando o vejo perco oito tostões.

J. Grande: Então porque?

L. Celleira: Então não sabe que me guerreia, e me apanha os freguezes!...

J. Grande: Deixe lá o homem: todos são filhos de Deus! E todos hão de viver!

L. Celleira: Mas eu bem sei que você desejava que morressem todos os sachristas d'Aveiro.

J. Grande: Lá isso gostava! Ah tia Luisa, lá isso gostava! Se me visse só em campo, como eu levantava cabeça! E quando a Esther cá tornasse, então é que se havia de ver quem era generoso! Mas...não são annos de fortuna!...

L. Celleira! E então não querem ver o diabo do homem!...E mesmo que morressem todos, não viriam outros de fóra!

J. Grande: Ou viriam, ou não: mas eu havia de tirar o pé do atoleiro! E talvez até mesmo bebesse d'aquellas pinguinhas especiaes...que sómente são para a tia Luiza... e das quaes os hospedes não provam.

T. Luiza: Mas para que diabo desejava você dar prendas á Esther?

J. Grande: Queria dar-lhe uma prova de sympathia: Se as minhas prendas fossem valiosas, talvez ella se dignasse trocar seus olhares com os meus!

L. Celleira: O homem é o diabo. Está aqui, e está lá n'aquella casa que no Porto fizeram para os doudos.

J. Grande: Ó tia Luiza! Vou, com o coração nas mãos, fazer-lhe uma declaração.

T. Luisa: A mim! Credo! Vá fazel-a á Esther.

J. Grande: Não; ha de ser á tia Luiza.

L. Celleira: Diga então o que tem a dizer.

J. Grande: A mulher é adoravel. Cantava divinamente! Os proprios padres não tiravam os olhos d'ella; estavam embasbacados. E aqui para nós, creio que n'aquella occasião, apesar de ser Semana Santa, estavam peccando!

L. Celleira: O demo o jure: que elles são de carne e osso, como cá a gente.

J. Grande: Mas, tia Luiza, verdade, verdade. A mulher é uma lindeza. Quando ella vier do Brazil, só se de todo em todo eu não poder, é que a não vou esperar. Vamos ver se posso ser o primeiro a fallar-lhe....

L. Celleira: E na egreja tambem esteve sempre a olhar para ella?

J. Grande: Estive, estive: mas a occasião não era boa.

L. Celleira: Pois tinha feito melhor, se estivesse olhando para os morrões das vellas! Antes isso do que estar a pôr os olhos n'aquella seresma!

J. Grande: Oh! tia Luiza, não lhe chame assim. A mulher é boa, como o bom mellão!

L. Celleira: E então não querem ver o diabo do homem! Está mesmo um tolinho! E isto é não tendo ainda bebido!

J. Grande: Você faz-me crescer agua na bocca!

L. Celleira: E descanse que não bebe. Pois você n'essa edade não vê que todas aquellas lindezas são postiças?

J. Grande: Postiças! Isso é mentira, que não é nenhuma velha a Esther!

L. Celleira: Você n'essa edade ainda não ouviu aquelles versos:

Por fóra tudo são rendas.
Por dentro nem fraldas tem?

J. Grande: Já não está em edade de usar de fraldas.

L. Celleira: Olhe bem cá para mim: Uma velha sou eu, e não me troco por comica alguma. Aqui nada ha postiço! Tudo é como Deus o fez!

J. Grande: Mas que quer, tia Luiza. O amor é cego!

L. Celleira: E' certo: o homem tem o diabo no corpo! E você não reparou n'aquelles pésorros?

J. Grande: Não levante calumnias: diga pesinhos!

L. Celleira: Não está na qualidade de pesinhos! Ora o João Grande a gostar de mulheres que põem caio na cara!

J. Grande: Mesmo sem caio ella è bonita!

L. Celleira: Não ha que duvidar: o homem ensandeceu!

J. Grande: Oh! tia Luiza não se zangue. Mas se me sahisse a sorte grande ainda lhe lhe arrastava a aza...

T. Luiza: Arraste-a lá á Esther...A mim não, quero o tempo todo para chorar a perda do marido tão bom que Deus me deu, e me tirou! Olhe para estas lagrimas...vê, não são lagrimas de comica! Toda a vida mourejou a trabalhar. Tudo me deixou. A fortuna depois foi sempre em augmento... Mas.... em summa, cá estão minhas sobrinhas: ao morrer levo a consolação de que as deixo bem felizes. Oxalá encontrem quanto antes bons maridos...

Folhetim

MORAL DOMESTICA

FACTOS OBSERVADOS NA ALDEA

POR

CARLOS FARIA

A's dez horas da noite, Francisco depois de fechar bem a casa, deitava-se na sua cama que encontrára desfeita. Debaixo do travesseiro encontrou um masso de cigarros. E a magou-o n'um aperto nervoso de mão, e ageitando-se adormeceu pesadamente. Tinha o corpo estafado pela madrugada, pelas successivas e terriveis contrariedades, pela falta da sesta, pelo calor, pela fadiga da taberna. Dormiu pois a somno solto.

Quando acordou, era alto dia. Chegou á porta da cosinha; abrio-a. Os porcos que pelo desarranjo da vespera ficaram fóra do curral e sem a lavagem nocturna, vieram granhindo e empurrando-se reclamal-a; houve um grande ruido de cacarejos e uma infernal berrata de patos esfomeados; no curral as vaccas mugiam saudades e inquietações pelas vitellinhas que saltavam escouceantes pelo pateo; e a garranita velha relinchou suspirando pelo feno.

— Tudo fóra da ordem!=observou comsigo Francisco.—E a taberna ainda fechada! Sem ganhar.=E foi abrir-lhe a porta, e preparou-se para dar á casa a limpeza matutina. Procurou a vassoira que descobriu envergonhada na escuridão das pipas. Saccudiu-a e com ella limpou asperamente o balcão d'onde pedaços de boroa aboborados no vinho escorrido das vasilhas foram bater estrelejando na parede.

— Bons dias, sr. Francisco—Regongou a Luiza dos Olhos entrando bestamente—Um quartilhinho de vinagre, se faz favor.

— Viva!=Respondeu Francisco lembrando-se da guilhoada da vespera.—Um quartilho ou 2 *celitros*?

— Um quartilho. Um quartilho. Que eu com as medidas novas, não me entendo. Eu quero-me com as coisas do meu tempo.

— Pois sim, pois sim. Não lhe foram mal. Agora a idade...

— A idade!... Ai! seu Francisco. Tem razão. A gente quando é nova, sempre faz cada cousa!=E como o suspiro trovejante=A Joanna não soube o que fez. Uma coisa assim! Valha-nos Deus. Se precisar de mim, pr'o que quizer. Como estamos visinhos, é só chamar.

— Obrigado, sôra Luiza.=Respondeu Francisco ripostando e desarmando o adversario.—A Joanna não deve tardar ahi. Foi com a tia comprar um carneiro para amanhã que é de festa cá na casa.

— Serio? Pois eu cuidava... Ora a Thereza do Caminho que me tinha dito que vira o filho do mestre do gado a fugir... Então! Ora vae-te. Adeus, seu Francisco—E ia a sair desnorteada na sua bibilhotice.

— E o dinheiro do vinagre?—Perguntou fortemente, Francisco victorioso.

— Ai! Até me ia esquecendo. Tome lá! Adeusinho!

E sahiu disparatadamente, desconcertada.

Francisco poz em ordem a taberna. Varreu tudo, limpou as vasilhas, foi ao poço encher a celha e um pichel, e pensava no almoço quando se lembrou de que tinha de o preparar. Dirigiu-se á cosinha para acender o lume, mas o gado no pateo exigia em clamorosos e justos gritos o penso. Foi aos curraes melhorar as camas do gado, dar agua e feno ás vaccas e á garrana, e couves e aboboras aos porcos.

— Uma trabalheira=Pensava elle—Era isso da obrigação da Joanna, emquanto elle regava a horta, as hortaliças, e os feijões, e acudia aos freguezes da taberna, n'esse dia como esquecida. Estava extenuado, e tinha de accender o lume para fazer o caldo de feijões para o almoço. Que trabalho! Não valia a pena! Com um pedaço de boroa e queijo e com um copazio de vinho estava almoçado. —E procurou esta simples refeição—A Joanna sempre fazia falta. Pelo menos se ella estivesse em casa, não teria passado pela estafa de pensar o gado, e de certo almoçaria alguma coisa quente, Isto era ás horas do almoço! Pelo dia adiante, o que seria? A's horas do jantar e ceia? Estava desacostumado. Joanna decididamente fazia grande falta n'aquella casa, e graças a Deus que não acudiam freguezes á taberna! Sim; Joanna era indispensavel. Francisco das Alminhas tinha razão; era urgente a reconciliação.

E n'esta ordem de ideias egoistas, desprendido de toda a ideia superior da independencia do brio, unicamente assoberbado pelo interesse da sua comomdidade domestica, a cada momento descobria uma razão nova da necessidade da reconciliação. As mil necessidades domesticas a cargo das mulheres, e a que elle inesperada e incessantemente tinha de superintender, deram-lhe sempre e em evidencia esta conclusão.

— A Joanna è indispensavel. Sem ella morro de estafa, e vae tudo por agua abaixo!

Dest'arte corriam as horas até que ao escurecer, á porta da taberna, deserta e afugentadora como contagiosa, parou uma carri-

J. Grande: Não chore, tia Luiza, não chore, que me faz mal. Dê cá uma pinga do reservado, que lhe quero fazer uma saude!...

L. Celleira: Vá compral-o a outra parte, e faça onde quizer menos aqui, uma saude á Esther!

J. Grande: Não esteja zangada: não vê que foi tudo uma brincadeira!

L. Celleira: Credo, que mofino. Oh! homem não me tente, retire-se.

J. Grande: Mas não me retiro sem fazer as pazes cem a tia Luiza Celleira, a unica mulher que não se pica nas contas em Aveiro, e a quem Deus, em paga, ajudou, dando-lhe uma excellente fortuna.

L. Celleira: E ajudou na verdade: olhe o predio em que estou é muito meu, e não deve nada a ninguem...

J. Grande. E mais outros, que eu bem sei...E em quanto a terrinhas...

L. Celleira: Algumas ha: para as minhas sobrinhas viverem, hão de chegar.

J. Grande: (Olhem o que eu ia perdendo por minha má cabeça!...) Oh tia Luiza deixe-me estar aqui mais um bocadinho na sua companhia a conversar!..

L. Celleira: Pois sim: mas nem palavra a respeito da Esther!

J. Grande: Prometto mais não fallar ácerca da Esther: mas não vá a tia Luiza pensar ue eu gosto d'ella! Tudo em mim foi uma pura brincadeira. Eu gostar de actrizes! Eu só gosto das pessoas d'outro tempo; d'aquelles tempos em que havia religião e amor de Deus.

L. Celleira: Oh rapariga, vai buscar dois copos do especial para nós ambos.

M. Bernardes Branco.

DEUS

(DE ROTROU)

Foi Deus quem o universo fez do nada,
e sobre a terra os mares espalhou;
quem no ar a humidade derramou,
e quem fez esta aboboda estrellada.

Guerra entre os elementos foi creada,
mas rege os movimentos lá dos céos;
é d'elle o mundo, os reis vassallos seus,
sua gloria pela terra é attestada.

Quando a vaga se agita, elle a detem;
falla aos ventos? Cessou a tempestade;
se ordena ao sol, seu curso jaz tambem.

Creou a terra, o céo, a immensidade;
por elle tudo existe: a luz, o bem...
só elle é dos mortaes felicidade.

Eduardo Sebastião Reis d'Albuquerque.

Comboyo Mixto

Acaba de morrer em Londres uma figura importante dos clubs e dos salões, Henry S. Leigh.

Era o Fernando Caldeira de Londres. Brilhante «*in literature, art: and the drama.*» Mas era um Fernando Caldeira apenas com bigode, mas afiadamente bregeiro; além d'isso não recitava ao pianno, mas cantava as suas composições melindrosas e avelludadas das sallas.

Quanto ao mais era o mesmo artista namorado, e voluptuoso, exuberante de afilagranadas apreciações, de gentilezas mirabolantes, de gorgeios de colibri.

Como bohemio do *estofo* de Fernando Caldeira, não podia viver sem roupas brancas de *cambrie*. E, como *bohemio dos boudoirs*, nunca sahia de Londres. N'esta especialidade Fernando Caldeira é um extravagante: passa por anno 30 dias na sua casa Borralha, e 30 dias em Espinho; Henry Leigh não soube que d'este camarada tão *vil*, aliás teria morrido antes.

E como se trata de humilhar Fernando Caldeira, diga-se: este em *passeatas* a pé como um andarilho, é durito de perna; mas Leigh tinha pulso assim n'um assalto de floreto, batteu-se victoriosamente com 10 adversarios!

Ora toma, Fernando Caldeira, já que te puzéste ao lado de um *fachionable* londrino.

*

No dia de S. Pedro houve uma furiosa trovoada em Zaragoça. Um raio entrando n'uma c sa teve as seguintes phantasias:

penetrou por uma janella do quarto andar, onde fez varios prejuizos;

subiu ás aguas furtadas onde feriu n'uma perna a um homem que deitava uma creança, desfez todas as ferragens, e incendiou uma cama;

desceu pela escada principal onde apagou a luz que levava um rapaz;

e... sumiu-se na latrina.

Castigou-se bem dos seus disparates.

*

O Banco da Irlanda em Dublin, celebrando o centenario da sua fundação, distribuiu 45.000$000 reis pelos seus empregados.

Admirae, empregados do Banco de Portugal!...

*

Prestaram juramento na nunciatura os novos prelados de Braga, Vizeu, Portalegre; Guarda e Bragança.

*

Em Terragana demolio-se no dia 29 o forte de Cervantes, para alargamento da cidade. Celebrou-se (!) assim o 72.° anniversario do rude combate que alli feriram patrioticamente os hespanhoes contra o exercito do general Suchet.

*

Appareceu o philloxera na Mealhada, n'uma quinta do sr. Couceiro.

Adeus, zurrapa da Bairrada!

*

O parlamento da Noruega recusou por 80 votos contra 31 uma proposta de augmento da lista do principe herdeiro.

Bem se ve que em Portugal ha mais calor sinho do que na Noruega.

*

O visconde de Valdemouro, de Vagos. está doente bem como sua exm.ª Irmã, a sr.ª D. Maria Emilia.

Ambos jovens, solteiros e senhores de boas rendas, doe que a falta de saude não lhes deixe aproveitarem-se dos gosos a que tem direito.

*

Nathaniel Montefiore, morto em Inglaterra com mais de dois mil contos deixou para instituições pias dos *judeus portuguezes e hespanhoes*. de Bevis Marks, Inglaterra, nada menos do que 3:500 libras esterlinas.

Dá vontade de dizer com José Agostinho;

Judeu portuguez, errando és grande!

*

Não se diga que o S. João não tem devotos: só para as festas de Braga, este anno. a companhia dos caminhos de ferro de Minho e Douro vendeu 10:000!

E digam que não ha devoção!

*

Na semana passada houve na cidade de Londres 2.513 nascimentos e 1.333 mortes.

Si licet magna componere parvis, Aveiro.....

Mas não fallemos de tal, e não é porque esta terra não tenha abundante procreação.

*

Começou a publicar-se em Villa do Conde *O Globo*, periodico politico, noticioso, litterario e scientifico. Appareceu este mez, e com dois interessantes artigos, um erudito e anonymo sobre Azurara, e outro humoristi o e de C. Castello Branco, intitulado «Divertimento das Freiras de Lorvão.» Oxalá que prosiga na brusca via do jornalismo com o mesmo desafogo do primeiro numero.

*

Na tourada do 1.° de julho em Barcelona Frascuelo ao saltar a trincheira foi colhido por um touro. O eminente espada contundiose muito nas pernas e no peito.

*

Do dia, 4 a 10 de junho inclusivé o caminho de ferro do Minho rendeu 5.776$659 réis, e o do Douro 6.043$990 réis. Esta linha tem 127 kilometros sem exploração e aquella 145.

*

O projectado, e já começado tunnel da Mancha, é construido de modo que em cada hora possam n'elle cruzar-se 12 comboios de França e 12 de Inglaterra. Para que o capital d'esta obra custosissima rendesse 5 por cento era preciso haver 2 mil passageiros diarios: em 1882 atravessaram o canal da Mancha 550 mil pessoas.

*

O governo inglez dá um grande premio ao navio que lhe levar a primeira carregação de chá. Este anno coube tal fortuna ao *Stirling Castle* que foi de Woosung a Londres em 31 dias, quaudo a mesma travessia nunca se fez em menos de 35.

*

Antigamente os papeis femininos eram em Inglaterra feitos por homens. Antigamente! Não se vá julgar que foi ha muitos seculos. Ainda no XVII, Carlos II chegando ao theatro, e notando que se demorava a representação (do Hamlet, por tal signal), mandou o conde de Bachester saber a razão d'isso.

— O barbeiro ainda não acabou de escanhoar a dama!—

Foi a resposta do conde.

*

Rembrandt não foi unicamente um pintor. Sabia troçar e fazer dinheiro.

Eis o porque:

N'um bello dia desappareceu de Amestardam, e deu-se por morto.

Toda a gente quiz ter uma obra sua. A *viuva* vendeu por altos preços os esboços e quadros do *defuncto*,

Passado tempo Rembrandt veio colher o gordo premio da sua morte.

*

N'um processo de divorcio uma senhora allegava que seu marido era brutal, violento, e arrebatado.

O advogado do marido dizia que a accusadora era: caprichosa, irascivel, e impertinente.

O juiz decidiu por sentença que não via incompatibilidape de genios.

*

Chegaram recentemente a Bolonha duas collecções de feras, uma de Mr. H, e a outra de Madame H, que viajavam extra — conjugalmente.

Reconciliados em Bolonha, resolveram junctar as duas collecções e o marido publicou o seguinte annuncio:

—*Em consequencia da chegada da minha mulher aviso o respeitavel publico de que se acha considcravelmente augmentada a minha exposição de feras.*

*

Uma senhora, moida de zelos para vêr o amante ao lado da sua rival, dizia-lhe:

— Sr. Fulano, então não come? Ao menos esta laranja, tão linda que lhe offereço.

—Ó minha senhora, respondeu o agredido; cahio tanta neve este anno, que não consta que houvesse laranjas. Nem mesmo as larangeiras de v. ex.ª dariam flor...

*

Um *cicerene* nos Pyreneus:

—Notae, minhas senhoras, e meus senhores, como o echo repete os sons de montanha em montanha de rocha em rocha, de fraga em fraga; e notem como alem, ao longe, na fronteira os reproduz com a acentuação hespanhola!...

*

Calcula-se em 18 contos de réis a venda diaria das flôres em Paris.

*

Uma excellente noticia para os amadores de Champagne. *O stock*, as existencias d'este vinho, são 109 milhões de garrafas, o equivalente ao consummo de 5 annos com todo o mundo.

Alegrem-se os borrachões finos, emquanto os grosseiros choram o Bairrada ameaçado pelo phylloxera.

*

Houve um maroto tão grande que para matar a mãe foi aguçar a navalha á pedra da sepultura do pae.

Carvão.

---

tela, donde baixou um figuracho com fatiota cidadãa, e meneio triumfante.

— Olá Francisco. Vamos lá para dentro que temos que fallar.

— A' obediencia de Vossoria — acudiu respeitosamente o taberneiro, de chapeu na mão.—Eu vou abrir o portão para se recolher o carrinho.

— Não é preciso. Trago o creado e não me demoro. Vamos cá dentro que tenho que te fallar.

— Então vamos aqui para a salla—disse Francisco acompanhando humildemente o sugeito que avançava despachadamente para a cosinha.

— Nada, aqui na cosinha estamos mais á vontade.

— Como Vossoria quizera, sr. Doutor.

— Senta-te, que isto são contos largos.

— Então com sua licença.—E o taberneiro sentou-se n'um banco, repuchando as calças para cima dos joelhos, e inclinando propiciamente os ouvidos.

— Sei tudo. — Bramou tragicamente o Esculapio—Mas n'este mundo tudo se arranja. Joanna está arrependida. A Tia promette fazer testamento e teu irmão está por te ceder o aido. Não tens remedio senão perdoar á Joanna. Christo perdoou aos que o maltrataram e isto por salvar o genero humano. Tu não és Christo, és um pedaço de asno; sim tu não passas d'um pedaço de asno. Não pa deceste nem por sombras o que Christo pade ceu. E não tratas de salvar o genero humano, Salvas-te só a ti, que é o que tu mais pódes desejar- Nem pódes desejar outra cousa. Acomoda-te pois, e recebe a Joanna. Porque tambem se não te acomodas. adeus testamento da tia, e conta com uma demanda nas costellas. O Vigario já está encarregado de armar, e tu ficas á *paz de pilluda* como vossê dizem. Então, que te parece? Que dizes tu?

— Eu, sr. Doutor. Eu para lhe fallar a verdade, eu... estou por tudo. A Joanna faz-me muita falta, mas um homem sempre precisa de mostrar ao mundo que tem um bocado de vergonha na cara. E o tratante do alveitar? Vossoria bem o podia metter na cadeia, que elle anda por ahi a receitar como um medico e sem licença. Olhe que o tal primo é que precisa de uma lição.

— Queres vingar-te d'elle?

— Ai! se quero!...

— Pois, Francisco. E' verdade: toma lá um charuto, dos finos... Disse seductormente o experto...

— Oh! sr, Doutor...

— Toma, fuma... Ahi tens lume.

— Muito obrigado! Tanta honra!...

— Queres vingar-te ou não do primo?

— Vingar-me, e a valer...

— Pois então... além d'amanhã vaes á cidade votar contra elle nas eleições. E' o maior castigo que lhe podes dar.

— E é, seu doutor. Que aquelle diabo não fazia mais que quebrar-me a cabeça para ir votar com elle. Isto era todo o anno, todos os dias. Só as embrulhadas que elle me arranjou com a... com a finoria da tia, e com meu irmão; tudo enredado na politica. Ora deixe estar, sr. Doutor, que lhe hei de pregar esta na bochecha. Hei-de dizer-lhe de cara a cara=votei no outro partido=e sempre quero ver como elle fica. Mas o aido de meu irmão sempre se arranja, sr. Doutor?

— Está arranjado. No dia das eleições, depois de votares, faz-se a escriptura. Eu dou-te a lista, tu mettel-a na urna, e vamos logo ao escrivão.

— E o testamento? Então a Tia sempre me fará o beneficio?

— Faz; mas é preciso primeiro votar e trazer a Joanna para casa. E o melhor, homem, é ir hoje por ella, Se queres, eu mesmo t'a trago de noite. Tenho de passar por lá, e depois dar a volta por aqui. Não me custa nada...

— Pois então está dito. Assim fica tudo em bem. O que ha de custar mais a desenganar, ha de ser a Tia.

— Essa fica por minha conta=respondeu o dr. encolhendo os hombros como senhor do universo—Adeus. Trata da tua vida e ahi pela volta das 10 horas cá tens a Joanna. E quando vires o primo....

— Oh! isso não me esquece. pespego-lhe logo com o recado=votei com a outra gente.

— Isso mesmo. Adeus até logo

E o Dr. sahio triumphante acompanhado até á estrada por Francisco que esfregava as mãos de contente.

Passados poucos dias ao amanhecer encontrava-se o taberneiro, que voltava para o juaco, com o marchante.

— Então felicidades? Hein?=perguntou este=Joanna outra vez, etc. e tal.

— E' verdade—Por ora...

— Quem t'a levou pr'a casa?...

— O medico

— O medico! Ah! um alveitar t'a levou, um doutor t'a trouxe. Está na conta. Mudaste de medico. Nada mais.

— Quér vossê ir beber uma pinga á saude?...

— O que eu quero é... não me casar. Adeus meu amigo.

FIM

AOS VIAJANTES

OS MELHORES ESTABELECIMENTOS

EM LISBOA

Alfaiate.— Alfredo Carlos Cruz, Fanqueiros 264.
J. A. Xafredo, Rua Nova do Almada 64.
J. M. Catarro, R. Aurea, 100.
Strauss, Garrett, 48.
Armadores e estofadores. Ursprung, A. Aurea 101.
Santos, R. Oriental do Passeio, 142.
Roubaud & Filhos, R. Aurea, 286.
Bahuleiros.—José de Carvalho, Capelistas, 15.
Banqueiros.
Fonseca, Santos & Vianna, Capelistas, 120.
Correeiros e selleiros, — Coutinho & C.ª Ouro 220.
Santos, Garrett 42.
Cutileiros, Policarpo, T. de S. Nicolau 25.
Virissimo da Silva, Loreto 22.
Moura Borges & C.ª, Capelistas, 35.
Banhos.—Terreiro do Trigo, 64.
Bazares.—A, Villas, Alecrim, 40.
C. Candido da Cunha—Alecrim, 53.
L. M. da Costa—Alecrim, 52.
Valles—Rua Oriental do Passeio, 156.
Bijouterias e quinquilherias — Antonio Joaquim Cardoso—Bitesga, 47.
Cabelleireiros—A. Paiva, rua Aurea, 28.
A. Pinto Rua Nova do Carmo, 55.
Baron—Garrett, 61.
François — Rua Nova Trindade 19 e rua Aurea 87.
Silva—R. Larga de S. Roque, 43.
Cafés—Aurea Peninsular, rua Aurea.
Commercial, Principe, 69.
Gibraltar, Caes do Sodré, 36.
Marrare—T. de Santa Justa 74.
Martinho—Largo de Camões 14.
Calçado—F. J. Salles—Prata—158.
João Carlos Tann, S. Lazaro 171.
Caminhos de ferro (agencias)
Salazar Junior, r. do Ouro 264.
Camisarias Brumós, T. de S. Nicolau 109.
Elegante—Largo do Calhariz, 24.
Calvente, Santa Marta 222.
Sallys Trenckel, Ouro 72.
Torres & C.ª—Alfandega 108.
Carruagens de aluguer—R. Larga de S. Roque 28.
Pedro Vasques—Largo da Abegoaria, 29.
Silvestre Botelho—Cruz de Pau, 39.
Carruagens (Fabricas de) — Encarnação — T. da Palha 72.
Gomes. R. Larga de S. Roque 116.
Navarro, R. N. da Palma, 246.
Rego, S. Francisco da Paula. 15.
Cazas de cambio.—Alves Martins, R. N. da Palma 138, e Arsenal 4.
Fonseca, Arsenal 58.
Manaças, Amparo 49.
M. Bogarim, Livramento 118.
Casas de pasto.—Lima, S. Antão 73.
Ribas & Garcia, F. da Palha 213,
Chapelarias.—para homens:
Roxo, P. de D. Pedro 39.
Nomdeden.—Princepe 121.
A. Ribeiro & C.ª Garrett 58.
Amado,—Ouro 39
Lisboa, Ouro 123.
Sette, Ouro 190.
Cirle & C.ª, R. N. do Almada 47.
M.me Laclan, R.N. do Carmo 18.
Banhado—Ouro 82.
Pinto & Barreiros, R. N. do Almada, 108
Confeitarias, Conservarias e Pastelarias — Dias, T. de S. Nicolau 22.
Castelar & C.ª, Ouro 135.
Costa, Largo de S. Domingos 21.
Lisbonense, R. L. de S. Roque 133.
Viuva Justo. Garrett 108.
Mourão & Irmão, Garrett 25.
Nascimento & Migueis, Ouro 273.
Correeiros e selleiros,—Coutinho & C.ª Ouro 220.
Santos, Garrett 42.
Cutileiros, — Policarpo, T. de S, Nicolau 25.
Virissimo da Silva, Loreto 32.
Espingardeiros—Imberton Filho, Ouro 76.
Gravadores—Gerard, R. N. do Desterro 40.
Horticultores—A. Diogo, Algibebes 176.
Hoteis—Alliança, R. N. da Trindade 10.
Bragança—Ferregial de Cima.
Durand—L. Quintella 71.
Español—Prata, 250.
English & Italian, T. Remolares 23.
Luveiros.—Ch. Berard, R. N. do Carmo
Costa & Sousa, Garrett 67.
Hyppolite Delaye, R. N. do Carmo 51.
Ourives.—A. Merêa, Ouro 275.
Boni & C.ª, Ouro 203,
Perfumarias.—Praça de D. Pedro.
Ferreira Barbosa, R. N. da Alma 111.
Castelar & C.ª, Ouro 135.
Costa, Largo de S. Domingos 21.
Lisbonense, R. L. de S. Roque 133.
Viuva Justo, Garrett 108.
Mourão &Irmão, Garrett 25.
Nascimento & Migueis, Ouro 2 73.

NO PORTO

Agencia dos Caminhos de Ferro—A Central, rua de Sá da Bandeira.
Alfaiate—Filippe Lousada, rua de Santo Antonio:
Armazens de moveis. Corrêa & Martins Cedofeita,—17
Cypriano, rua de Cedofeita.
Silva & Irmãos, rua do Captivo.
Camisaria—Casa de Barcelona, rua de Cedofeita.
Casas de banho—A do Grande Hotel do Porto.
Casas de saude—A do dr. Ferreira, rua de S. Lazaro.
Carruagens de aluguer e deligencias:
José Galliza.
Dentista—Romero & Recio R. de D; Pedro 20.
Restaurante—Palacio de Crystal
Sapateiro—Rosa, rua do Bomjardim.
Tabacaria—Caza Havaneza, rua de Santo Antonio, esquina da rua de Santa Catharina.
Photographia—União, Praça de Santa Thereza.
Luvaria—Portuense. rua de Santo Antonio 182-184.
Modistas—M.me Villete, rua de Cedofeita.
Oculista—Bolsom & Pombar Viriato (successor), Rua de Santo Antonio, 171.

Annuncios

José Galliza

A PEDIDO de alguns freguezes principia a sua carreira para as Caldas de Vizella e vice-versa, alternadamente, no dia 1.º de junho proximo; tambem se encarrega da conducção de bagagens para as ditas Caldas.

Tabella dos preços de trens de aluguer para as ditas Caldas a saber:

Landeau, ou char-á-bancs.....	10$000
Coupé, ou victoria.....	9$000
Carroça para conduções.....	10$000

Hora da partida de todos os pontos ás 4 horas da manhã.

N. B. — Tambem tem trens de aluguer nas Caldas para ir buscar às estações de Novellas e Trofa; todo qualquer freguez que queira alugar algum carro das ditas estações para as Caldas, tem que prevenir de vespera no escriptorio, na rua do Laranjal n.º 188—Porto.

Preço de levar ou trazer 4$500.

BIBLIOTHECA DAS MARAVILHAS

O CORPO HUMANO

POR

A. de Pileur

Traducção revista pelo Dr. Caldas, da Eschola Medica do Porto. Obra illustrada com magnificas gravuras, algumas das quaes colridas.

Editor, ERNESTO CHARDRON Porto.

GIMNASIO E SALA D'ARMAS

Largo da Picaria 13—Porto—rua do Pinheiro, 1.

Medico—Ex.mo Sr. Dr. Victorino da Motta.
Professora para o sexo femenino—D. Violante Stathmiller.
Professor e director—Paulo Lauret.

4:000$000

Precisam-se até ao fim do mez. Dão-se boas hypothecas ruraes. Carta à Redacção com as iniciaes F. S. S.

HOTEIS

PORTO — *Grande Hotel no Porto* é o principal d'esta grande e opulenta cidade. Construido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em argas viagens de estudo.

Appenso ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não tem segundo a Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA

SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO

PORTO—RUA DO SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no ponto mais central da cidade, proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pela porta, tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

BRAGA—BOM JESUS DO MONTE — *O Grande Hotel* offerece em aceio, meza, habitações, e commodidades o ideal dos hoteis para estações de verão na montanha. Em balde se lhe buscará um rival fóra de Lisboa e Porto.

SEVILHA—Hôtel de Europa. Elegante establecimiento y de modicos precios. Jardin al centro. Ventilado proprio al Oriental.

MISMA CASA

Fonda de Cadiz — CADIZ
« de Jerez — JEREZ
« de Ricca — HUELVA
« de Oriente — CORDOBA

PROPRIETARIOS — RICCA & HERMANOS

CAFÉ

PORTO—*Café Suisso*, na Praça de D. Pedro, é sem duvida o melhor estabelecimento do seu genero. Acaba de inaugurar uma rica sala nova, e elegantes e confortaveis gabinetes particulares. Recommenda-se aos viajantes pelo seu luxo, e pela abundancia e finura do serviço.

PHOTOGRAPHIA

PORTO—Fonseca & C.ª, praça de Santa Thereza, tem um *atelier* como os primeiros da Europa. Os seus artisticos trabalhos tem sido premiados nas mais notaveis Exposições.

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS E CAIXA ECONOMICA PORTUGUEZA

DESCONTO de juros de inscripções complementares livres, a juro de 5 por cento ao anno, contados da data do desconto até á do pagamento na junta. Emprestimo sobre penhores de titulos de divida publica e obrigações da companhia géral do credito predial portuguez, a juro de 5 por cento ao anno.

Depositos na caixa economica em conta corrente á ordem, a juro de tres e sessenta centesimos por cento ao anno.

BOTE

Vende-se um magifico escaler couraçado, de 34 palmos de quilha, elegantemente construido de optimas madeiras, pregado a cobre; tem forquilhas e todas as ferragens de metal polido, e mais os pertences seguintes:

Oito remos, alguns dos quaes de **tojo e faia**; mastro de Riga; verga de pinho de Flandres; uma grande manilha de corrente; uma ancora; um toldo de panno americano, guarnecido a azul, e todo o apparelho do mesmo escaler.

É muito veleiro e magnifico para remos.

Quem pretender compral-o pode dirigir-se á **Administração da Imprensa Aveirense, Vera-Cruz, AVEIRO.**

ANTONIO J. D'ALMEIDA ROSA

COM ARMAZEM

DE

CALÇADO DE LISBOA

382—Rua do Bomjardim—382

1. andar

PORTO

THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Os magnificos paquetes d'esta companhia sahem de Lisboa alternadamente para o Brazil, Rio da Prata, e portos do Pacifico às terças ou quartas-feiras. As familias para os portos do Brazil e Rio da Prata recebem um grande abatimento de preços, que todos são moderados. Pela rapidez, commodidades, e luxo estes paquetes são notabilissimos. Dão serviço medico gratuito.

AGENTES: *Em Lisboa*— 64, Caes do Sodré, E. Pinto Basto & C.ª

No *Porto* 10 Largo de S. João Novo, V. Ferreira Pinto Basto.

REAL FABRICA DA VISTA ALEGRE

PORCELLANAS EXCELLENTES

premiadas nas principaes exposições

Os seus productos, iguaes aos extrangeiros, vencem-os na barateza do preço.

Tem um magnifico deposito em Lisboa, Largo do Loreto, 13, e vendedores por todo o paiz.

Dr. Van-der-Laan

ESPECIALISTA DE DOENÇAS D'OLHOS

RUA DE SANTA IZABEL 50 - LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

NEW YORK

CAPITAL 47.000.000$000

Mutuos a premios e compromissos fixos. Os segurados são os unicos proprietarios do fundo de garantia e de todos os lucros.

Esta Companhia é evidentemente mais vantajosa do que qualquer outra.

Direcção em Lisboa, 64 Caes do Sodré.

OBJECTOS ANTIGOS

Compram-se moveis, louças, sedas, colchas bordadas, pratas, etc. etc. Rua do Alecrim, 54, LISBOA.

LUIZ MARIA DA COSTA.

ENFERMEDADES DE OJOS Y QUIRURGICAS

El médico oculista D. A. Mascaró, ha pagado este año de contribucion la cantidad de 136$565 reis por ejercer su profesion en Lisboa y puede por consiguiente tratar á las personas que le honren con su confianza. Recibe enfermos hasta á médio dia en su clinica, rua do Ferregial de Baixo, 34 y visita á domicilio.

Nota. Suplicase á todos los portugueses honrados y briosos que influyan para que los poderes públicos sobresean las causas criminales instruidas por ejercicio ilegal de la medicina con mengua de la moral publica.

A FABRICA DE FUNDIÇÃO DO OURO

NO PORTO

ESTÁ sempre a pár das invenções mais uteis para todas as industrias e toda a agricultura, como tem provado com as obras que tem produzido.

OS ALIMENTADORES DE VAPOR DE ESCAPE, dão incontestavelmente uma economia de 20 por cento no consumo do conbustivel das machinas de vapor de alta pressão, como attestam os srs. Costa Braga & Filhos, proprietarios da Real e Imperial Chapelaria a vapor, que nos compraram dois d'estes alimentadores.

OS MOTORES A VENTO construidos na «Fundição do Ouro» são, sem duvida alguma, do systema mais solido e que melhor se regulam por si mesmo, como se póde conhecer, examinando o que está montado e a funcionar junto à mesma Fabrica e na quinta da Alegria, proximo á ponte D. Maria Pia sobre o Douro

As machinas de vapor systema «Pantin», em que a Fundição do Ouro se tem tornado insigne, são incontestavelmente as mais economicas em combustivel e as de maior resistencia e mais facil reparação.

D'este systema estão hoje 5 machinas e caldeiras em construcção, que podem ser vistas e examinadas, a qualquer hora do dia, ou seja dia de trabalho, ou dia Santificado.

O numero das machinas de vapor já construidas n'esta Fabrica sobe a 43, o que, no nosso Paiz, é sem duvida o melhor attestado que podemos dar da sua excellente qualidade,

Porto 26 de Junho de 1883.

L. F. de Souza Cruz & Filhos.

Imprensa Aveirense- Largo da Vera-Cruz-Aveiro